

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: 146

Data: 18.04.85

Pg.: _____

A cultura e suas assessorias: um caso de polêmica

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Repórter Especial

Amanhã, o índio Marcos Terena assume seu posto de assessor do Ministério da Cultura para Assuntos Indígenas, e abandona sua função de chefe de gabinete da Funai. A solenidade marcará, simbolicamente, a opção do MC pela cultura indígena, no dia consagrado a esta etnia: 19 de abril.

Terena é um dos 10 assessores especiais de Aparecido. Com ele estão dois outros nomes ligados a questões candentes: a etnia negra (Carlos Moura) e juventude (Marcelo Rubem Paiva). O ministro não está interessado em designar assessor especial para o tema "Mulher", nem para outra "minoría" polêmica (homossexuais).

Para muitos, a criação destas três assessorias é mais "uma atitude demagógica" do ministro da Cultura. Para outros, é fruto de sensibilidade especial aos temas mais polêmicos dos anos 80: os direitos das "minorias" étnicas, a questão ecológica, a luta feminista e a liberdade de opção sexual (com atenção para o homossexualismo, já que a moral cristã só admite a heterossexualidade).

O índio Marcos Terena tem formação universitária (administração de empresas) e goza do reconhecimento de seu povo. Preocupa-se muito com questões que afligem os índios e tem sido um militante incansável. Nesta sua militância participou da fundação da UNI (União Nacional Indígena), organismo de importante atuação. Ao encontrar-se com o presidente em exercício, José Sarney, Terena falou da necessidade do Ministério da Interior preocupar-se, de forma marcante, com a atuação da Funai. Lembrou, ainda, a urgência da preservação da Cachoeira Sagrada, sítio fundamental na cultura indígena, que está ameaçada.

Carlos Moura, militante dos movimentos negros, é um dos criadores do CEAB (Centro de Estudos Agro-Brasileiros). Integra a direção Memorial Zumbi, projeto que está recolhendo e recompondo a história dos negros que construíram o Quilombo de Palmares, na Serra da Barriga. O CEAB ocupa, em Brasília, posição ligada ao dado cultural, e poderia ser definido como um "movimento mais conciliador". Em contrapartida, o MNU-DF (Movimento Negro Unificado) atua de forma mais combativa. As divergências entre os dois movimentos, porém, não impedem que ambos se interessem pela criação

de uma assessoria especial para a etnia negra.

Marcelo Rubem Paiva, designado para cuidar de temas ligados à juventude, é o mais badalado dos assessores especiais do Ministério. Com apenas 25 anos, ele desfruta a glória de ver 350 mil exemplares de seu livro de estréia *Feliz Ano Velho* vendidos. Este livro, transformado em peça de teatro, deu ao diretor Paulo Betti e aos atores do grupo Pessoal do Victor, prêmios Molière e Mambembe. Marcelo é filho do deputado Rubem Paiva, morto de forma misteriosa, durante o governo Médici. Sua visão da "assessoria especial da juventude" criada por Aparecido, não é simplista. O escritor sabe que dá ibope ter um jovem como assessor. Acredita, porém, que a força de suas propostas será maior que este detalhe político.

CONTRADIÇÕES

Em entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**, publicada na edição de ontem, o ministro José Aparecido justificou a criação de suas três novas assessorias lembrando que "não há brasileiro que negue a importância de se designar pessoas para assessoramento em questões étnicas. Nem para a juventude, num país de maioria jovem". Até aí, tudo bem. Depois, porém, o ministro usou argumento contraditório para justificar a não-criação de Assessoria Especial da Mulher: "as mulheres são maioria. Por isto, prefiro tê-las em cargos executivos". Este raciocínio invalida a questão colocada antes: os jovens — por serem a maior parte da população brasileira — merecem assessoria especial. E a mulher, por ser maioria, também não merece tratamento especial? Para agravar, o ministro acabou, de certa forma, discordando de atitude do presidente Tancredo Neves que criou (e Ruth Escobar preside) o Conselho Nacional da Mulher, formado de 45 membros.

Tema evitado pelo ministro na discussão de seu assessoramento é o dos homossexuais. Como bom mineiro, Aparecido prefere manter-se em posição tradicional, ou seja, ignorar a existência da questão. Grupos homossexuais como o do jornal **Lampião** (Darcy Penteado, Aguinaldo Silva, entre outros), o **Somos** e o **Beijo Livre** se bateram, com coragem e ousadia, nos anos 70, pelo reconhecimento da liberdade de opção sexual. Discutiram o assunto com a profundidade devida. Mas, institucionalmente, ninguém quer dar ouvidos ao tema. Se a questão feminina é polêmica; a questão étnica, idem; imaginem a questão homossexual!